

dústria. Ao lado dos tradicionais capitais norte-americanos, cresceu a presença dos capitais europeus e japoneses.

O carro-chefe do "milagre" foi especialmente a indústria de bens de consumo duráveis, destacando-se a de automóveis, eletro-eletrônicos e construção civil.

A indústria automobilística foi a que mais cresceu, chegando à produção de 750 mil veículos em 1973, o que deixava bem distante a produção dos tempos de Juscelino Kubitschek, estimada em 130 mil em 1960³. Não foi à toa que o petróleo tornou-se elemento vital para o chamado "modelo brasileiro". O País importava a maior parte do combustível que consumia, a preços internacionais que mantiveram-se relativamente baixos até o início da crise do petróleo em 1973.

A indústria da construção foi alimentada pelos imensos recursos do BNH provenientes do FGTS. Em tese, o BNH destinaria os recursos para a construção de casas populares, mas, na prática, a maior parte serviu para financiar imóveis para os setores de renda alta e média.

A expansão do consumo dos bens duráveis foi impulsionada pela criação de um moderno sistema de crédito ao consumidor e pela intensa propaganda de produtos e serviços. A TV foi importante instrumento para a ampliação e unificação do mercado interno, verificando-se alterações nos padrões de consumo dos assalariados.

No campo, consolidou-se a grande empresa capitalista favorecida pela política de financiamento, isenções e incentivos fiscais, créditos a juros baixos para aquisição de máquinas e implementos agrícolas modernos.

Na esteira do *slogan* "Exportar é a solução", imensas regiões foram ocupadas com programas de expansão agropecuária para exportação. Além dos produtos tradicionais como café, algodão e açúcar, outros produtos encabeçaram a lista das exportações, a exemplo da soja que, em poucos anos, tomou conta de vastos territórios da região Sudeste,

³ Revista *Retrato do Brasil*, 1984, fascículo 22.

ocupando terras antes destinadas à produção de alimentos básicos para o mercado interno, como arroz, feijão e milho.

O processo de capitalização no campo, com a mecanização da produção, o predomínio do trabalho assalariado e a concentração da propriedade da terra, foi acompanhado por violenta expropriação e expulsão de milhões de pequenos proprietários e trabalhadores rurais das terras e das fazendas e pelo intenso êxodo para as cidades.

Nos moldes em que a economia brasileira estava inserida no sistema capitalista mundial, o chamado "milagre" estava intimamente ligado à entrada maciça de capitais estrangeiros, seja em forma de investimentos, seja em forma de empréstimos, crescendo o endividamento externo.

Bilhões de dólares foram tomados emprestados no exterior para sustentar a política financeira, os subsídios, os financiamentos das estatais e das empresas privadas, os projetos faraônicos, os custos das importações, o pagamento dos juros e *royalties*.

Por conta das garantias proporcionadas pelo regime político e pela certeza de lucros fabulosos, os bancos internacionais tinham dado "sinal verde" à liberação de créditos ao "País do milagre". "Em 1972, o Brasil ultrapassou o Japão como maior tomador de empréstimos do Export-Import Bank dos Estados Unidos e tornou-se a maior nação devedora do Banco Mundial" (Davis, 1978, p. 67).

Entre 1969 e 1973, a dívida externa pulou de 4 a 12 bilhões de dólares e continuou crescendo cada vez mais nos anos seguintes. No final da década estava em torno de 60 bilhões de dólares, saltando para 100 bilhões em 1984, uma das maiores dívidas externas do mundo.

Milagre foi sobreviver

Em pleno "milagre econômico" (1972), 52,5% dos assalariados recebiam menos de um salário mínimo, piorando a situação nos anos seguintes. Em 1975, "para cobrir os gas-